

Das ruas às urnas, esperança

ANDREI MEIRELE

Cinco anos depois da campanha das "Diretas-Já", e após as frustrações com a morte do presidente Tancredo Neves e o fracasso do Plano Cruzado, a população brasileira parece ter encontrado as ruas e a esperança na reta final da sucessão presidencial. Em todo o País, a campanha para a presidência da República, após um início fraco e desanimado, esquentou nas últimas semanas atraindo multidões para comícios e virando tema obrigatório de conversas e discussões.

Pela primeira vez, a televisão desempenhou um papel fundamental na campanha eleitoral e, ao contrário do que muita gente previa, não esvaziou os comícios, que avaliações apressadas já consideravam ultrapassados. Ocorreu exatamente o contrário: a propaganda eleitoral na televisão foi invadida por sons e imagens de comícios.

Voto adiado — No mais longo processo de transição de um regime autoritário para a democracia no mundo ocidental, o Brasil experimentou desde o início do Governo Ernesto Geisel, em 1974, um lento e gradual processo de abertura política, sempre acelerado por eleições limitadas nas quais a insatisfação popular era manifestada. As oposições reivindicavam eleições diretas, mas o regime militar não as admitia. Em 82, houve eleições para governador, estimulando a pressão por diretas para o Planalto.

Em 84, a campanha foi para as ruas e empolgou a população, que a transformou na maior mobilização já feita no País. Mesmo assim, o Congresso Nacional, em abril, não aprovou as diretas. O movimento, porém, foi catalizado pela candidatura Tancredo Neves, que, aliada a uma dissidência do PDS, e com respaldo popular, conquistou a maioria do Colégio Eleitoral. O compromisso da

então chamada Aliança Democrática era de realizar as eleições presidenciais em 88.

O presidente José Sarney, porém, transformou a luta por um mandato de cinco anos no principal objetivo de seu governo. A luta foi travada dentro da Constituinte, e Sarney, utilizando a máquina governamental e a pressão militar, conseguiu os cinco anos.

Em 88, nas urnas, o povo deu o troco, elegendo para as principais prefeituras do País candidatos de oposição. O fato de a eleição presidencial ter sido marcada para 89 a isolou dos demais pleitos municipais e estaduais. Isto foi decidido pelos votos dos maiores partidos, especialmente do PMDB e do PFL, justamente os que estão pagando um preço maior nesta campanha eleitoral. Todos os candidatos com maiores chances de chegar ao segundo turno fazem oposição ao governo Sarney.